



CONSCIÊNCIA EM VYGOTSKY: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Rafael Fonseca de Castro – UFPel

Clarice Vaz Peres Alves - UFPel

Resumo:

O presente artigo - fruto de uma tese de doutorado - consiste em uma pesquisa teórica sobre o conceito de consciência no pensamento de Lev Vygotsky, motivada por discussões estabelecidas em um grupo de pesquisa de uma universidade do sul do Brasil e fundamentada em produções relacionadas à temática central e vinculadas à Psicologia Histórico-Cultural. Sua realização se justifica pela crença na necessidade de um maior aprofundamento dos estudos da obra de Vygotsky, tendo em vista sua riqueza conceitual, contundência científico-metodológica e potencial de aplicação na Educação, em seus diversos níveis. A partir das relações estabelecidas entre os estudos pesquisados, neste esforço teórico, abre-se a possibilidade de se estabelecer duas formas de interpretar o conceito de consciência no pensamento vygotkiano: 1. como sinônimo de psiquismo humano, matriz do pensamento (*Soznanie*, consciência) e; 2. como tomada de consciência - função psíquica superior, consciência e controle (*Osoznanie*, discernimento e controle consciente do ato de pensar). Fica fortemente evidenciado, também, que, para Vygotsky, é por meio da palavra, na sociabilidade humana, que desenvolvemos nossa consciência, com base em dois tipos de experiências humanas: a histórica e a social.

Palavras-chave: Consciência, Vygotsky, Educação, Psicologia Histórico-Cultural.

“A consciência é o humano vivo e real consciente”
(DELARI JR., 2000, p. 78).

Introdução

Este trabalho consiste em um estudo teórico (GIL, 1999) sobre o conceito de consciência no pensamento do pesquisador russo Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934). Fundamenta-se em produções direta ou indiretamente relacionadas a este conceito, vinculadas à Psicologia Histórico-Cultural - essencialmente nos estudos realizados por Lordelo (2007), Toassa (2006) e Delari Jr. (2000).

O presente estudo é fruto de intensas discussões estabelecidas em um grupo de pesquisa, de uma universidade do sul do Brasil, composta por pesquisadores de mestrado e doutorado e professores universitários. Sua idealização e realização se justificam pela crença

na necessidade de aprofundamento dos estudos da obra de Vygotsky, tendo em vista sua riqueza conceitual, contundência científico-metodológica e potencial de aplicabilidade com resultados práticos positivos em diversos níveis educacionais.

O legado de Vygotsky mais difundido no ocidente é, sem dúvida, sua abordagem psicológica histórico-cultural e seus conceitos aplicáveis, sobretudo, ao desenvolvimento e educação infantis - como os de zona de desenvolvimento proximal e mediação. Entretanto, alguns dos autores do ocidente que se dedicam a um estudo de caráter teórico da obra vygotskiana, como David Bakhurst, Dorothy Robbins, Angel Rivière e James Wertsch, bem como os pesquisadores brasileiros destacados nesta escrita, destacam como praticamente indiscutível a centralidade do conceito de consciência na obra de Vygotsky. Para Lordelo (2007), esta afirmação é importante sobretudo quando é oriunda também de autores formados na tradição soviética e que desenvolveram seus programas de pesquisa em uma espécie de desdobramento do sistema de pensamento vygotskiano, como Vasili Davydov, L.A. Radzikhovskii, M. G. Iarochovski, G. S. Gurguenidze e V. P. Zinchenko.

As biografias científicas de Vygotsky, Alexei Leontiev e Alexander Luria, por seu turno, pertencem a uma das mais importantes páginas da história da construção dos fundamentos psicológicos e metodológicos soviéticos divulgados nos campos da psicologia e da pedagogia. A teoria Histórico-Cultural, nos anos 20, deu início à pesquisa sobre a condição social da gênese da consciência do indivíduo. Suas pesquisas teóricas e experimentais levaram a psicologia a um novo entendimento sobre a origem e a estrutura das funções psíquicas superiores, diferenciando-se radicalmente da psicologia idealista dominante – a Reflexologia (PRESTES, 2010) da época.

Ao longo do artigo, objetiva-se, com base em escritos categóricos de Vygotsky sobre o conceito de consciência, tecer aproximações entre estudos pós-vygotskianos relacionadas a esse conceito, visando compreender sua importância dentro do constructo teórico de Vygotsky.

A Psicologia Histórico-Cultural

Foi sob a orientação de pressupostos do materialismo histórico e dialético que se desenvolveu uma psicologia que, durante todo o século XX, produziu e continua produzindo contribuições de interesse para os campos da psicologia e da educação. Trata-se da perspectiva Histórico-Cultural, que tem como representantes mais importantes Vygotsky, Luria e Leontiev - que formavam a intitulada *troika* (SACRISTÁN e GÓMEZ, 1998). Entre

os autores considerados como os mais influentes desta corrente, Vygotsky¹ foi o que mais se destacou, devido a sua riquíssima produção, desenvolveu ao longo dos 37 anos - de sua curta vida -, que resultou na produção de importantes ideias e conceitos, aplicados mundialmente, fundamentalmente nos campos da Psicologia e da Pedagogia.

As ideias filosóficas de Marx e Engels exerceram considerável influência sobre toda a geração de jovens soviéticos da época em que Vygotsky viveu - em meio à revolução russa (SACRISTÁN e GÓMEZ, 1998). Moysés (1997) entende que a teoria marxista foi utilizada por Vygotsky no sentido de buscar respostas concretas aos problemas colocados pela Psicologia, de forma a constituir uma única teoria psicológica que se opusesse ao conjunto de ideias justapostas dominantes no início do século XX.

Seguindo a linha do materialismo histórico e do materialismo dialético, Vygotsky definia o ser humano como um indivíduo social, real e concreto, cuja singularidade se constitui enquanto membro de um grupo social, histórico e cultural específico (PINO, 2000). O desenvolvimento do psiquismo humano, desde o ponto de vista da perspectiva Histórico-Cultural, realiza-se no processo de apropriação da cultura, mediante a comunicação entre pessoas (PINO, 2000).

Desde as últimas décadas do século XX, e do início do século XXI, a utilização de referenciais baseados na perspectiva Histórico-Cultural também vem crescendo de forma considerável em investigações relativas às diferentes áreas da Educação, principalmente a partir dos experimentos desenvolvidos por Vygotsky. Wells (2001) entende que as ideias fundamentais desenvolvidas pela *troika* estão tendo grande impacto em todos os níveis educacionais, desde a pré-escola até o ensino superior e em programas de pós-graduação. Segundo Freitas (2004), a chegada da Psicologia Histórico-Cultural em nosso país ocorreu no final da década de 1970, o início da difusão de seus pressupostos ocorreu nos anos 1980 e o esforço de apropriação de seus conceitos iniciou nos anos 1990.

Como explica Freitas (2004), a teoria psicológica de Vygotsky é também considerada como uma teoria educacional, pois a educação, segundo esse constructo, é muito mais do que o desenvolvimento de potencialidades individuais biológicas, implicando essencialmente na expressão histórica e no crescimento da cultura humana da qual o homem procede. A escola, neste contexto, configura-se como importante espaço social de exploração e desenvolvimento

¹ A formação intelectual de Lev Semyonovitch Vygotsky é bastante variada. Graduou-se em Direito pela Universidade de Moscou, em 1917. Enquanto fazia seu curso superior, frequentou cursos de Psicologia e Literatura na Universidade Popular de Shanyavskii. Poucos anos depois, estudou Medicina em Moscou e em Karkov. Conseguiu, em um curto espaço de tempo, acumular um vasto conhecimento sobre as mais variadas áreas do saber e não limitado aos autores soviéticos. Na época em que fez sua formação, a ex-União Soviética mantinha intercâmbio intelectual com países da Europa Ocidental e com os Estados Unidos (MOYSÉS, 1997).

da cultura e de registro e manutenção do conhecimento historicamente acumulado pela sociedade.

Para a abordagem Histórico-Cultural, desta forma, o desenvolvimento histórico de cada pessoa tem elevado grau de relevância nos processos de ensino e de aprendizagem, embasando diversos projetos educacionais, em diversos níveis. Desde o ponto de vista dessa abordagem, o processo de escolha vinculado à vontade é originado pela consciência que, por sua vez, decorre das interações entre as pessoas – como será discutido, na sequência...

Situando o conceito de consciência na obra de Vygotsky

Leontiev² (1983) afirmava que Vygotsky foi o primeiro a compreender a necessidade de estudar a consciência no sistema da perspectiva histórica e social marxista, pois ele era um dos mais bem formados psicólogos marxistas de sua época. Segundo Lordelo (2007), algumas das chaves para a compreensão do conceito de consciência em Vygotsky se referem ao *tipo de substância de que ela seria feita* (em uma referência ao materialismo dialético) e à ideia de que o desenvolvimento dessa consciência seria constantemente mediado e transformado pelas relações entre a criança e o ambiente social.

De acordo com Leontiev (1983), o desafio de Vygotsky era penetrar nos estudos sobre a consciência como uma realidade própria da psicologia, desvendar a consciência como uma forma especificamente humana da psique e apresentar sua característica substancial. Todavia, explica Lordelo (2007, p. 67), Vygotsky “declarava que o objeto da psicologia - a *psiqué*, a consciência - era o mais difícil no mundo e o que menos se deixava estudar”.

Em 1925, Vygotski (1991) defendia que a literatura científica da época escondia insistentemente e intencionalmente o problema da natureza psicológica da consciência. E, ao perceber esse problema, alertava que a psicologia:

1. Fechava para si mesma os caminhos da investigação sobre o comportamento humano, vendo-se limitada a explicar os nexos mais elementares dos seres vivos, no mundo.
2. Construía um sistema psicológico que, sem este conceito, constituía-se em uma “psicologia sem consciência” (BLONSKI, 1921, p. 9, Apud VYGOTSKI, 1991, p. 40).

² Todas as citações referentes a esta obra de Leontiev foram traduzidas por Prestes (2010).

3. Privava os métodos de investigação dos meios fundamentais para a compreensão do psiquismo humano – não aparentes visualmente -, tais como os movimentos internos, a fala, as reações somáticas etc..

Segundo Lordelo (2007, p. 1), inspirado principalmente pelo materialismo marxista, Vygotsky sugeriu como via alternativa à ciência psicológica da época uma psicologia baseada em metodologias de orientação dialética que, “sem prescindir do fenômeno psíquico, tivesse critérios metodológicos adequados à feitura de um conhecimento verdadeiramente científico”.

Para Vygotsky (1991), o comportamento do homem e suas relações são determinados não somente por reações condicionadas, manifestas e totalmente explícitas, mas também por aquelas não reveladas externamente, as quais não se pode ver simplesmente. E os reflexos não manifestos, internos, inacessíveis à percepção direta do observador (como a fala silenciosa), podem ser metodologicamente investigados, indiretamente ou de forma mediatizada, através de reflexos acessíveis à observação, como a palavra [dita ou escrita].

Diante deste contexto, com o intuito de construir uma psicologia que levasse em consideração esses *movimentos internos* e que ultrapassasse os limites dos “modestos” experimentos clássicos de formação do reflexo condicionado, Vygotsky buscava superar o dualismo reflexológico e enxergar, na sociabilidade pela linguagem, a origem das interações que compõe a consciência humana (TOASSA, 2006; RATNER, 1995).

Delari Jr. (2000) problematiza que no texto intitulado “O Problema da Consciência”, composto fundamentalmente de anotações feitas por Leontiev e outros colaboradores do Instituto de Psicologia de Moscou, a partir de conferências internas proferidas por Vygotsky, encontramos, no início, a afirmação de que embora a psicologia tivesse definido a si mesma como a ciência da consciência, seu conhecimento a respeito desta é quase nulo (VYGOTSKI, 1991).

Vygotsky tinha a intenção de compreender a problemática que envolvia a consciência humana e no capítulo do Tomo I de suas obras completas, dedicado à “Consciência como problema da psicologia no comportamento”, por exemplo, pode-se apreender três definições incipientes para o conceito de consciência, em Vygotski (1991):

- 1) “A capacidade que tem nosso corpo de se constituir em excitante (através de seus atos) de si mesmo (e frente a novos atos) constitui a base da consciência” (p. 49).

- 2) “A consciência das próprias sensações não significa nada mais do que sua posse em qualidade de objeto (excitante) para outras sensações. A consciência é a vivência das vivências” (p. 50).
- 3) “Estamos dispostos a interpretar suas palavras [palavras de Pavlov] no sentido literal e exato e afirmar que a consciência é a *refração múltipla dos reflexos*” (p. 51).

Segundo Toassa (2006), inicialmente, Vygotsky atribuía ao conceito de consciência a interação entre sistemas de reflexo³, como pode ser observado nas “definições” acima e na citação, abaixo:

A própria consciência ou a tomada de consciência dos nossos atos e estados deve ser interpretada como sistema de transmissores de uns reflexos a outros que funcionam corretamente em cada momento consciente. Quanto maior seja o ajuste com que qualquer reflexo interno provoque uma nova série em outros sistemas, mais capazes seremos de prestar-nos contas de nossas sensações, comunicá-las aos demais e vivê-las (senti-las, fixá-las nas palavras etc.) (VYGOTSKI, 1991, p. 3).

Nesta última citação, Vygotsky distingue consciência de tomada de consciência e já estabelece relação entre palavra e consciência - como será aprofundado, a seguir.

Dos sistemas reflexológicos à consciência como *psiqué* e como tomada de consciência

Como costumava proceder em suas críticas, Vygotsky procurava apontar os pontos fracos e fortes dos pensamentos sobre os quais fundamentava suas teses. Sobre a Reflexologia, por exemplo, Vygotsky (1991) salientava a importância do conceito de reflexo, enfatizando que este possuía grande valor metodológico, mas, ao mesmo tempo, enfatizava a importância de superá-lo, visto que o mesmo não poderia se constituir no principal conceito da psicologia *como ciência do comportamento do homem*.

Com relação à utilização do termo consciência, na obra de Vygotsky, Prestes (2010) se utiliza de uma nota dos organizadores do *The Collected Works of L.S. Vygotsky* para destacar a diferença entre as palavras russas *soznanie* e *osoznanie*. Nesta nota, os organizadores da publicação observam que traduzir ambos os termos como *consciência* é introduzir uma confusão que não existe no texto original russo. *Soznanie*, no russo clássico, significa **consciência** e, *osoznanie*, **o despertar da consciência reflexiva**. Tunes (2000) se referiu a esse último como *discernimento e controle consciente do ato de pensar*. Partindo desta

³ Vygotski se apropriou/utilizou do/o conceito de reflexo essencialmente em suas primeiras obras, pois tratava-se do conceito dominante da psicologia de sua época. Aos poucos, como já se percebe a partir dos escritos publicados nos Tomos II e III de sua obra completa, Vygotsky instituiu seus próprios conceitos para se referir aos processos mentais humanos e suas relações.

importante informação e “sem perder de vista” os escritos originais de Vygotsky, abre-se a possibilidade de se estabelecer duas formas de “ler” o conceito de consciência em sua obra:

- Como o próprio psiquismo humano;
- Como processo de tomada de consciência.

Particularmente, este estudo soma-se a esse posicionamento e vislumbra-os, efetivamente, como processos distintos, mas intimamente interligados, não excludentes e não concorrentes. O processo mental *tomada de consciência*, nesta perspectiva, faria parte do sistema psíquico superior humano, a *consciência*. Sendo, a consciência, como *psiqué* humana, obviamente, mais abrangente do que o processo mental tomada de consciência.

A ideia de tomada de consciência é empregada, conforme Toassa (2006), nos mais variados contextos da obra de Vygotsky (1985; 1991; 1996), dos níveis mais simples aos mais complexos da ontogênese. Trata-se de uma acepção relacionada ao processo de perceber algo que não se percebia antes. Nas palavras do próprio Vygotsky (1991, p. 50), “dar-se conta de algo”.

No tomo III de suas obras completas (VYGOTSKI, 1995), e em outras passagens ao longo de seus escritos (como em VYGOTSKY, 1982), principalmente na parte em que aborda mais especificamente as funções psíquicas superiores, Vygotsky vincula tomada de consciência à função psíquica superior, *consciência e controle (osoznanie)* – razoavelmente conhecida por seus estudiosos. Segundo Vygotski (1995), ao nos darmos conta – ao tomarmos consciência - de algo, como um erro ou uma dificuldade cognitiva, passamos a ter mais chances de poder controlar (encontrar uma resolução para) este erro, dificuldade ou determinada situação cognitiva.

Mas o conceito de consciência, *como núcleo do pensamento humano*, vai além do *dar-se conta de algo* e torna-se central na teoria de vygotskiana, **visto por Vygotsky como o próprio psiquismo humano**. Soma-se a esse pensamento, Delari Jr. (2000), que assim sentenciar: Vygotsky não poderia abrir mão do conceito de consciência como principal objeto de estudo para sua psicologia.

Sobre os processos de desenvolvimento da consciência, Toassa (2006) explica que Vygotski (1996) propõe momentos distintos e não lineares. Para ele, após o nascimento, o psiquismo vai conhecendo os estímulos que influem sobre o pensamento, diferenciando coisas e pessoas, separando o subjetivo e o objetivo. No bebê pequeno, por exemplo, existem, inicialmente, manifestações bastante primitivas de estados conscientes, segundo Vygotski

(1996). Nos adultos, por meio da utilização dos signos, a consciência segue em desenvolvimento, em maior ou menor intensidade, de acordo com o grau de sociabilidade⁴ de cada indivíduo (VYGOTSKI, 1985).

No início de seus escritos sobre a consciência, mesmo ainda bastante atrelado ao conceito de reflexo (e aos excitantes desencadeadores desses reflexos) e à perspectiva pavloviana, em suas primeiras discussões sobre este conceito, ainda no Tomo I de sua obra, Vygotsky já propõe um estudo do problema da consciência baseado nas experiências histórica e social do ser humano, como é problematizado no próximo item.

Experiência histórica e experiência social: a consciência pela sociabilidade humana mediada pela palavra

Ainda no Tomo I das obras de Vygotsky é possível perceber a importância da palavra para a consciência humana como unidade básica dos sistemas de reflexos da consciência. Segundo Toassa (2006), Vygotsky propõe uma ciência dos “reflexos” também aplicada à linguagem. Nesses termos, para a autora, a consciência resultaria das relações de alteridade da pessoa consigo mesma e das relações, possibilitadas pela palavra, desta pessoa com os outros. Para Vygotski (1991), **a utilização da palavra é a porta para o desenvolvimento da consciência.**

Segundo Shotter (2006), ao invés de explicar as coisas em termos abstratos, podemos ensinar aos outros nossa maneira de nos relacionarmos com o ambiente por meio de palavras proferidas em momentos cruciais de suas atividades, de forma a torná-los conscientes dos seus modos de ação espontânea. Como observa esse autor (idem, p.16), a partir do ponto de vista Histórico-Cultural, “é por meio de palavras, de enunciações dos outros, que agimos de maneira voluntária, consciente, passando a sermos responsáveis a *responder* por nossa própria conduta”. Vygotsky (1982) explica essa ideia por meio do exemplo das relações entre mães e seus filhos pequenos. Segundo Vygotsky, as mães dirigem a atenção dos filhos para determinados objetos ou situações. Os filhos, por sua vez, seguem as orientações das mães, assumindo, mais tarde, a direção da própria atenção e passando a desempenhar, em relação a si, o papel que antes havia sido desempenhado pelas mães. É desta forma que, para Vygotsky, libertamo-nos de nossas respostas impulsivas, imediatas e *imediadas*, e passamos a ser conscientes e capazes de controlar nosso comportamento.

⁴ Cabe informar que a consciência “social” da psicologia vygotskiana não coincide com a ideia de consciência política ou moral (TOASSA, 2006), tampouco está relacionada aos preceitos de Emile Durkheim.

Por meio da palavra, na sociabilidade humana, desenvolvemos nossa consciência, nossa *psiqué*, a matriz de nosso pensamento. E este desenvolvimento, a partir dos pressupostos vygotskianos, tem base em dois tipos de experiências humanas: a **experiência histórica** e a **experiência social** (VYGOTSKI, 1991; 1985).

Para Vygotsky (1991), o homem não se serve unicamente da experiência herdada fisicamente. Segundo ele, toda a nossa vida, o trabalho e o comportamento, baseiam-se na ampla utilização da experiência das gerações anteriores, isto é, de uma experiência que não se transmite de pais para filhos, apenas pelo nascimento. A esta experiência Vygotsky denomina experiência histórica.

Segundo Delari Jr. (2000), neste sentido, o lugar da teoria de Vygotsky é bastante relevante, pois a produção deste autor situa-se num contexto histórico em que já se colocam algumas importantes contradições quanto às possibilidades para a liberdade humana e para a capacidade de reflexão e intervenção do ser humano em sua história. Leva-se em consideração, nessa perspectiva, para Delari Jr. (2000, p. 51) “a possibilidade de cada ser humano ir se tornando mais consciente com relação às suas próprias determinações históricas, de modo a poder intervir melhor sobre sua própria vida”.

A busca de uma explicação para a questão da consciência na obra de Vigotski pode estar permeada por um confronto constitutivo com a questão das possibilidades para o papel do humano na construção de sua própria história (DELARI JR., 2000, p. 52-53).

Ao mesmo tempo, não se trata de ver o ser humano como aquele que é apenas resultado de um processo histórico, mas também como um ser que só existe enquanto próprio processo histórico. Desta forma, enfatiza Delari Jr.:

O devir humano, só pode ser encarado como movimento dialético, como gênese histórica, como processo e acontecimento. [...] Não há essência anterior ou superior ao humano que o defina enquanto tal, porque ele só se define como tal quando vai se tornando historicamente aquilo que é. Mas aquilo que o homem é não é o que se define num ponto de chegada, e sim o próprio movimento pelo qual torna-se humano constantemente (idem, 2000, p. 58).

Mas essa história só é possível se estiver aberta à possibilidade de refazer-se. Ao mesmo tempo, e de vital importância em Vygotsky, a fusão entre aquilo que o homem “é” com aquilo que ele “pode ser” ocorre mediante relações sociais. A linguagem verbal, por exemplo, enquanto signo, realiza uma modalidade de relação social e é nesta relação que

reside a possibilidade do humano tornar-se humano, tanto quanto de avançar para além de seus próprios limites (DELARI JR., 2000).

Como explicava Vygotsky (1991, p. 45), concomitante à experiência histórica, deve situar-se a experiência social, “constituindo um importante componente do comportamento do homem” e dispondo

não só das conexões que encerradas em minha experiência particular entre os reflexos condicionados e elementos ilhados do meio, mas também das numerosas conexões que são estabelecidas na experiência com outras pessoas. Se conheço o Saara e Marte, apesar de não ter saído uma única vez de meu país e de não ter observado nenhuma vez por um telescópio, isso se deve evidentemente ao fato de que essa experiência tem sua origem nas de outras pessoas que tenham ido ao Saara ou que tenham visto Marte pelo telescópio (idem, p. 45).

A relevância das relações sociais para o desenvolvimento da consciência, na perspectiva vygotskiana, é latente. Pois, para ele, a consciência não é um movimento que surge individualmente, mas que só pode se realizar no indivíduo na medida em que este passa a se relacionar consigo próprio do mesmo modo como se relaciona com os outros, no contexto de uma determinada cultura. Sendo assim, segundo esta concepção, a consciência não pode surgir para os seres humanos, senão mediante uma relação social historicamente constituída e culturalmente determinada.

Sobre esta prerrogativa, Delari Jr. (2000) complementa:

A relação social, no humano, é histórica e cultural, pois os seres humanos não se unem em grupos apenas por “instintos gregários”, nem por leis instintivas tais como aquelas presentes em outras espécies animais que vivem em “grupos” e/ou se organizam “coletivamente”. A relação social humana é constituída *historicamente* – mediante lutas sociais e relações de poder – e, de modo indissociável, *culturalmente*. [...] As relações sociais propriamente humanas são mediadas pela linguagem. Portanto, a consciência enquanto processo que não pode se dar fora de um ser humano individual particular, não é possível senão como função de relações sociais, as quais, por sua vez, também não são possíveis senão enquanto práticas coletivas mediadas pela linguagem (p. 62).

Para Fontana (2000, p. 221), é somente por meio das relações sociais que nos tornamos “capazes de perceber nossas características, de delinear nossas peculiaridades pessoais, de diferenciar nossos interesses das metas alheias e de formular julgamentos sobre nós próprios e sobre o nosso fazer”. Conforme explica essa mesma autora,

em um mesmo indivíduo articulam-se dialeticamente dois lugares sociais distintos e complementares – o mesmo e o outro – que se afinam e se contrapõem, harmonizam-se e rejeitam-se, configurando, na tensão constitutiva da subjetividade,

composições singulares, que se dão a ver na dinâmica interativa (FONTANA, 2000, p. 221).

Seguindo esta linha pensamento, a perspectiva de *consciência histórica* defendida por Vygotsky só é possível mediante as relações sociais. E essas relações sociais, que se constituem historicamente, são possíveis essencialmente pela linguagem [verbal], pela utilização social da palavra. No plano psicológico-diferencial, as pessoas se distinguem umas das outras porque suas estruturas caracterológicas se desenvolveram, na ontogênese, a partir de um sistema específico e singular de conexões (VYGOTSKI, 1991), mediados pela palavra.

As estruturas das funções psíquicas superiores são semelhantes às estruturas das relações coletivas entre os seres humanos. Nestas relações, os traços sociais e de classe se formam a partir de sistemas interiorizados que não são outros senão os sistemas de interações entre pessoas trasladados à personalidade e à consciência de cada indivíduo, pela linguagem.

Considerações finais

Na presente escrita, objetivou-se estabelecer um diálogo entre pesquisadores que investigaram o conceito de consciência na obra vygotskiana, fundamentalmente a partir dos estudos de Lordelo (2007), Toassa (2006) e Delari Jr. (2000), e partindo dos principais escritos de Vygotsky nos quais este conceito e suas implicações são por ele abordados com maior atenção.

Deste esforço teórico, com vistas à compreensão e à discussão do conceito de consciência na obra deste importante autor russo, percebe-se evidências que apontam para uma aproximação mais precisa do termo consciência como sinônimo de *psiquismo humano*, matriz do pensamento do homem - *Soznanie*, no termo original russo (PRESTES, 2010).

Ao mesmo tempo, dentro do escopo de consciência como o próprio psiquismo, também é possível reconhecer o conceito *tomada de consciência*, em Vygotsky – atrelado à função psíquica superior, *consciência e controle* (VYGOTSKI, 1985). Neste caso, Vygotsky (1995) salienta que quando passamos a ter consciência de determinado processo (psicológico) ou situação podemos controlá-lo(a) - no russo, *osoznanie* (PRESTES, 2010).

Na perspectiva da Psicologia Histórico-cultural, a consciência, sendo movimento do humano no mundo, passa a ser mediadora da relação do humano com o mundo e consigo mesmo, por meio da palavra e a partir de suas experiências histórica e social, enfim, na sociabilidade dos indivíduos (RATNER, 1995).

A palavra, enquanto signo desenvolvido social e historicamente, é mediadora quando se inscreve em um movimento de produção social de significados e, conseqüentemente, é

promotora no desenvolvimento da consciência humana, segundo a supracitada concepção teórica. A consciência em Vygotsky (1996, e também em LEONTIEV, 1983) será sempre consciência mediada pela palavra: é a própria relação da criança com o meio e depois consigo mesma. Não é um sistema mecanicista, tampouco estático, pois se relaciona ao desenvolvimento da conduta voluntária do indivíduo.

Mas trata-se de uma consciência que também é parcial porque é atravessada por motivos e necessidades decorrentes das vivências singulares de cada ser humano (intrapicológicos). As coisas não mudam simplesmente porque alguém nos aponta a necessidade de mudá-las ou porque pensamos nelas. Para Delari Jr. (2000), o pensamento, sozinho, não é capaz de comandar as funções psicológicas superiores, pois estas estão também estreitamente ligadas às emoções – afecções do corpo por objetos, pessoas ou imagens.

“A consciência não é coisa, não é instância, nem tem vida própria, não existe aparte da materialidade do ser: a consciência é o ser humano consciente” (DELARI JR., 2000, p. 62).

Referências bibliográficas

DELARI, JR. Achilles. **Consciência e linguagem em Vigotski: aproximações ao debate sobre a subjetividade**. 2000. 224f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Campinas, Campinas.

FONTANA, R. A. C. A constituição social da subjetividade: notas sobre Central do Brasil. *Educação e Sociedade*, ano XXI, n.71: 221-234, julho 2000.

FREITAS, M. T. A. O pensamento de Vygotsky nas reuniões da ANPEd (1998-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p.109-138, 2004.

GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5^a. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LEONTIEV, Aleksei Alekseevitch *Borba za problemu soznania v stanovlenii sovetskoi psirrologii*. IN LEONTIEV, A.N. **Izbrannie psirrologicheskie proizvedenia**. Moskva: Pedagoguika, 1983.

LORDELO, Lia R. **A consciência como objeto de estudo na psicologia de L. S. Vigotski: uma reflexão epistemológica**. 2007. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador.

MOYSÉS, Lucia. **Aplicações de Vygotsky à Educação Matemática**. Campinas: Papyrus, 1997. 176p.

PINO, Angel. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.21, n.71, p. 45-78, 2000.

- PRESTES, Zoia R. **QUANDO NÃO É QUASE A MESMA COISA: Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Repercussões no campo educacional.** 2010. 295f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília.
- RATNER, Carl. **Psicologia Sócio-histórica de Vygotski.** Porto Alegre: ARTMED, 1995. 314p.
- SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e Transformar o Ensino.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p. 28-44.
- SHOTTER, J. Con-scientia, as witnessable knowing along with others. **Theory & Psychology**, vol.16(1), p.13–36, 2006.
- TOASSA, Gisele. Conceito de Consciência em Vygotski. **Psicologia USP**, n. 17(2), São Paulo, p.59-83, 2006.
- TUNES, E. Os conceitos científicos e o desenvolvimento do pensamento verbal. **Cadernos Cedes**. n. 35, p. 36-49, Campinas: 2000.
- VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. v.1. Madrid: Visor, 1991.
- VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas III.** Madri: Visor, 1995, 383p.
- VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas.** Madrid: Visor, v.4, 1996.
- VYGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas II** (Pensamiento Y Lenguaje), Moscú: Editorial Pedagógica, 1982, 484p.
- WELLS, G. **Indagación Dialógica: hacia una teoria y una práctica socioculturales de la educación.** Barcelona: Paidós, 2001, 374p.